

DEPARTAMENTO DE LETRAS

A TRADIÇÃO DISCURSIVA

EPITÁFIO EM LÁPIDES TUMULARES DO SÉCULO XIX

Fabíola de Jesus Soares Santana (UFPE)
fabiolajsantana@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo descritivo da tradição discursiva **epitáfio** em igrejas maranhenses no século XIX. A escolha do século XIX deu-se em virtude de dois fatores: a mudança da visão de morte e dos mortos pela sociedade ocidental no período oitocentista e o fortalecimento de formas de representações póstumas, como os epitáfios, em lápides tumulares encontradas em igrejas do Maranhão.

O objetivo deste estudo preliminar é identificar as principais características da TD epitáfio e as principais estratégias de referenciação.

A base teórica está assentada na Linguística Textual, na História Social da Linguagem e na Historiografia.

DA BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para a realização da pesquisa serão utilizados os seguintes conceitos-chave:

*Tradição discursiva como formas tradicionais de decir las cosas, formas que pueden ir desde una formula simple hasta un genero o una forma literaria compleja*²⁰. (Kabatek, 2006, p. 153)

- *Gênero como ação retórica tipificada*, que envolve situação e motivo (Miller, 1984), auto-reforçadora e criadora; *conjunto de convenções relativamente estável* que se associa e realiza²¹ um tipo de atividade, emergente nos processos sociais de interação (Fairclough, 2001, p. 161).

- *Referenciação* como uma atividade discursiva de representação do mundo em um processo de interação social. Nesse processo, *o sujeito opera sobre o material lingüístico que tem a sua disposição* e realiza es-

²⁰ (...) formas tradicionais de dizer as coisas, formas que podem ser desde uma forma simples até um gênero ou uma forma literária complexa.

²¹ Concorde com Meurer (2005, p. 81) quanto à escolha da tradução da palavra *enacts* do original por *realiza*, pois, neste estudo, significa melhor a relação com ação.

colhas significativas para representar estados de coisas, com vistas a concretização de sua proposta de sentido. (Koch, 2005, p. 34-5).

- *Objetos de discurso como entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação.* (Mondada **In:** Koch, 2005, p. 34)

- *Discurso como uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado* (Fairclough, 2001, p. 91).

- *Sujeito situado social, histórica e ideologicamente.* Para Main-
gueneau (2000, p. 55), *o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referência pessoais, temporais, espaciais (...)*

A TRADIÇÃO DISCURSIVA EPITÁFIO

Nesta parte do trabalho, há um breve percurso do aparecimento da TD epitáfio, observando os principais traços constitutivos desse gênero, contemplando os respectivos contextos históricos a fim de situar o uso dos epitáfios dentro dos sistemas discursivos de cada época.

Etimologicamente, o termo *epitáfio* originou-se do grego antigo □□□□□□□□ (epitáphion) pelo latim *epitaphiu* ("sobre a tumba"). Como tradição discursiva, é uma inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos literários, que apresenta enaltecimento, elogio breve a um morto. Tradicionalmente escrito em verso, encerra um lamento pela morte de outrem.

Atualmente, pode também apresentar notada intenção satírica, que trata de um vivo como se estivesse morto, transformando-o em um texto de humor cuja função anterior da TD sofre uma distorção ao objetivar o riso e não mais um lamento que expressa tristeza. A maior parte dos epitáfios-piada é encontrada na internet. Os exemplos a seguir foram encontrados no site www.releituras.com/arancastelo_variasideias.asp: o espiritualista: *Volto já; o fanho: anqui janz; o funcionário público: É no túmulo ao lado; o garanhão: Rígido como sempre.*

Os primeiros epitáfios conhecidos foram os egípcios, gravados nos sarcófagos. Os que foram decifrados obedecem a um modelo uniforme que começa por uma prece a uma divindade, em geral Osíris ou Anúbis, seguida do nome, da ascendência e dos títulos do defunto.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Os epitáfios da Grécia antiga, considerando a tradição literária grega, eram quase sempre compostos em versos elegíacos, embora, mais tarde, comesçassem a aparecer em prosa. Alguns poetas gregos de epigramas são: Leonidas de Tarento, Luciano de Samósata e Antípatros de Sídón. Além de epitáfios a grandes vultos, como Homero, há poemas notáveis de autores anônimos a pobre gente.

Sabendo a tua morte, Heraclito, vieram-me
As lágrimas: lembrei-me
Quantas vezes os dois, conversando, conduzimos
O Sol ao seu leito. E todavia,
Se estás em qualquer lugar, habitante de Halicarnasso,
Cinza já há muito, eles estão bem vivos,
Os teus cantos de rouxinol, sobre os quais o rapinador
Universal, Hades, não deitará a mão.²²

(Túmulo do poeta Heraclito de Halicarnasso, escrito por *Antípatros de Sídón*)

Em contraste com os gregos, os epitáfios romanos continham apenas nomes e fatos, sendo desprovidos de valor literário. Começavam usualmente pelas fórmulas ‘Siste, viator’ ou ‘Aspice, viator’, que significam: "Detém-te, viajante" ou "Olha, viajante". Um dos epitáfios mais famosos escrito por romanos está aquele que foi afixado a cruz de Cristo: *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus), uma sátira feita pelos soldados ao motivo da sua condenação. Segundo Ariés (2003, p. 59): (...) *na Roma Antiga cada indivíduo, às vezes mesmo um escravo, tinha um local de sepultura (loculus) e que este local era freqüentemente marcado por uma inscrição.*

A seguir, exemplos de algumas inscrições tumulares romanas disponíveis em trabalho de Ferreira (2004):

LICINIO. POLLI. F(*ilio*)
CILO BOVTI F(*ilius*) H(*eres*).
EX T(*estamento*) F(*aciendum*) C(*uravit*) (p.53).

A placa funerária diz: *A Licínio, filho de Polo. Cilão, filho de Búcio, o herdeiro, mandou fazer por disposição testamentária.*

NEPOS
ARCONIS. F(*ilius*)
H(*ic*). S(*itus*). E(*st*)
S(*it*). T(*ibi*). T(*erra*). L(*evis*).

²² Esse epitáfio foi extraído do site <http://folclore.vilabol.uol.com.br/div/verbal/epitafios.html>. Acesso no dia 16/06/2007.

Significa: Aqui jaz Nepo, filho de Arcão. Que a terra te seja leve. (p. 68).

A fórmula recorrente nos epitáfios: S(it) T(ibi) T(erra) L(evis), em português *Que a terra te seja leve*, quase sempre era representada por suas iniciais como atesta o epitáfio de Nepo. A abreviação de palavras ou expressões era um recurso bastante utilizado pelos lapicidas como uma forma de aproveitar o espaço disponível para a inscrição.

A preocupação em se manter presente, de alguma forma, no mundo dos vivos era tamanha que muitas pessoas deixavam o registro em testamento a fim de garantir a construção da sua lápide bem como a escritura de seu epitáfio a vista de todos os membros da sociedade, uma vez que os cemitérios romanos ficavam próximos as estradas. Muitas dessas expressões ainda permaneceram em uso por muito tempo. Existem epitáfios (até início do século XX) que ainda revelam que a decisão de inscrição na lapide foi uma *disposição testamentária*. A autoria da inscrição tumular quase sempre é de membro da família ou amigo.

C (alvus) CORNELIVS C(uravit) F(aciendum) VO(bis) T(erra) (levis)
CALVOS VIVOS SIBI ET L(ucius) CORNELIO C(uravit) F(aciendum)
VO(bis) T(erra) levis FRATRI.

H(oc) M(onumentum) H(eredem) N(on) S(equetur)²³

Calvo Cornélio mandou fazer para si e para o irmão Lúcio Cornélio. Este monumento não servirá aos herdeiros.

Na figura 1, uma lápide tumular, datada do início do século I, encontrada no território de Bérghamo, cidade italiana, próxima a Milão, verifica-se a inclusão de um outro recurso semiótico: uma escultura de duas expressões fisionômicas, uma tentativa de representação da imagem do defunto, mas que já nessa época se configura apenas como um elemento de prestígio.

Por volta do século V, as inscrições funerárias tornam-se escassas. Ocorre uma lacuna de cerca de 800 a 900 anos da existência desse costume, retomado a partir do século XII e difundido, mais significativamente no século XIII. Entretanto, o ressurgimento das inscrições funerárias, assim com dos túmulos individuais, será restrito a

²³ A tradução da lápide foi feita por mim. Para esse fim, comparei a inscrição com outras traduzidas no Catálogo epigráfico existente no trabalho de Ana Paula Ramos Ferreira (2004), intitulado *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade*, disponível em www.ipa.min.cultura.pt/pubs/TA/folder/34.

personas ilustres (reis, rainhas, clérigos ou leigos de grande prestígio). (Ariés, 2003, p. 59-60).



Figura 1 – Lápide tumular romana (Bérgamo/Itália)

(<http://www.museoarcheologicobergamo.it/?arg=19>)

Em lápide encontrada no Palácio Episcopal da cidade de São Luís/MA encontra-se uma inscrição tumular do século XVII, pertencente a Dom Gregório dos Anjos, morto em 11 de março 1689²⁴. O texto é simples, bastante apagado devido à ação do tempo, entretanto foi possível fazer a seguinte transcrição:

S^a(sepultura)dedomgregoriados
Anjosconegosecylarqve
Foidacongregaçãodes.
Joãoevangelistaprimei
Robispodeste estado.

A simplicidade do texto do epitáfio constrata com a localização da sepultura que está no altar do Palácio Episcopal, lugar privilegiado, indicativo da posição de destaque desse membro da Igreja.

A principal função da TD epitáfio, como se observa nos exemplos apresentados desde o surgimento desse gênero, é a criação ou manuten-

²⁴ A data de morte não se encontra na lápide, mas está disponível no Dicionário histórico-geográfico do Maranhão (1970).

ção de uma representação simbólica de um ator social pertencente a uma dada época. Faz parte de um sistema de gêneros que representa o discurso sobre morte como os santinhos, a nota de falecimento e os testamentos, além de também atestar as relações de poder impostas por qualquer sociedade como uma forma de perpetuação da hegemonia das classes dominantes. Ou seja, podem ser também fenômenos simbólicos e ideológicos que servem, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Quanto ao *medium* da TD, nesse percurso temporal, a maior parte das inscrições está em lápides de pedras. Em relação ao aspecto formal, há uma convenção muito usual de um desenho retangular com bordas ovaladas. O caráter laudatório conserva-se na maior parte das lápides, independentemente de cultura ou sociedade. Dessa forma, quanto ao uso do gênero epitáfio, a situação permanece relacionada a ritualística fúnebre. De acordo com Kabatek (2006, p. 156), na evocação discursiva de uma TD, há dois fatores definidores: situação e texto. O autor (2006, p. 158) ratifica que:

Uma TD é mais que um simples enunciado; é um ato lingüístico que relaciona um texto a uma situação, (...) mas também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição.²⁵

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS EPITÁFIOS OITOCENTISTAS

O *corpus* desta pesquisa é constituído de epitáfios encontrados em lápides tumulares na Igreja Nossa Senhora da Vitória (Palácio Episcopal – São Luís/MA); na Igreja de Santo Antônio (São Luís-MA); na Igreja Nossa Senhora do Carmo (Alcântara-MA). Esta é uma amostra parcial dos dados que já foram coletados para a realização de minha tese de doutorado.

Os epitáfios oitocentistas, no geral, apresentam as seguintes características:

- expressão introdutória mais recorrente: *aqui jaz* ou *jazem* e outras variantes como *aqui repousam*, *repoza*, *repousa*, *descansam*, *descançam*, *descansão*, *descanção*.

- períodos simples ou uso de frases nominais

²⁵ (...) una TD é más que un simple enunciado; e un acto lingüístico que relaciona un texto con una realidade, una situación, (...)pero también relaciona ese texto con otros textos de la misma tradición.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ex.:

[...] Aqui Jaz D. Marcos Antonio de Souza XIII Bispo do Maranhão Commendador da ordem de Christo e dignatário da Rosa. Nasceo em S. Salvador da Bahia aos 10 de fevereiro de 1771 [...]

[...] Natural da provincia de Minas Geraes [...]

A innocente Marianna Dias.

Por outro lado, foram encontradas, nos textos analisados, algumas construções mais complexas, como a coordenação ou a subordinação.

Ex.:

Aqui descansão os restos mortaes de minha saudoza mãe Barbara Maria da Conceição fallecida em 28 de maio de 1876 *aos quais serão reunidos os meus quando Deos me chamar a sua devina presença.*

- abreviaturas

Ex.:

*Aqui repousão os restos inanimados de Dona Ritta Joaquina Dias da Silva e de seu filho Joaquim da Silva Guim.^{es} fallecidos a 1ª aos 18 de Junho de 1867 e o 2º a 1º de Abril de 1869. Seu esposo, e pai Domingos José da Silva J.^{or} lhes mandou erigir esta lapida em **testem.^o** de sua pungente dor e saudosa memória. Pede ao leitor um **P.N** e Ave Maria.*

As abreviaturas decorrem da melhor utilização pelo lapicida do espaço disponível para a inscrição.

- Variabilidade lingüística

Ex.:

*Aqui **repousão** os restos mortaes do Arcipreste Candido Pereira de Lemos [...] Em signal de amizade e eterna saudade lhe mandou collocar esta **lapida**.*

*Aqui **repousam** os restos mortaes de José Ribeiro Pontes, João Marques Ribeiro Pontes e [...]; sua esposa e mãe Maria da Conceição Marques Ribeiro, mandou collocar esta **lapide** em signal de eterna saudade*

No caso dos verbos, a variabilidade lingüística dos verbos podem ser explicadas, nesses casos, por duas razões: a falta de domínio da norma ortográfica pelo lapicida nos casos dos desvios, e a existência de duas desinências para indicação temporal, relacionada à caracterização da língua portuguesa em uso no século XIX, atestando ainda uma mudança lingüística.

- inversão na ordem da oração

Ex.:

[...] e já dorme da morte **o interminável somno** [...]

A construção da referência

Estratégias de referenciação

- a introdução e a retomada dos objetos de discurso nos epitáfios se dão geralmente por intermédio de nominalizações.

Ex.:

Aqui repouza **os** restos mortaes **do** Arcipreste Candido Pereira de Lemos [...] Era **cavaleiro da ordem de Christo** Foi **vigário collado** [...] **Maria e Rosa innocentes filhinhas** [...]

O uso do artigo, no processo de referenciação dos epitáfios oitocentistas, enfatiza o caráter da inividualização, da particularização do referente dentre os demais membros de seu grupo, servindo de identificador de um objeto do discurso que já é conhecido tanto para o enunciador como para o co-enunciador.

Outra forma de retomada é a pronominalização anafórica ou a eipse do pronome.

Ex.:

Dai-lhes Senhor o descanso eterno entre os resplendores da luz perpétua [...]

Aqui descanso os restos mortaes de minha saudoza mãe Barbara Maria da Conceição [...] aos **quais** serão reunidos **os meus** quando Deos **me** chamar a sua devina presença.

(Ele) *Transpôs os umbraes da eternidade* [...]

- a desfocalização também é sempre introduzida por uma expressão nominal definida ou não.

[...]. *Antes de expirar declarou que fazia o sacrifício da sua vida* [...]

Koch (2006: 134) lembra:

[...] o locutor ao usar uma expressão definida pode ter o objetivo de dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro, com o intuito de caracterizá-lo de determinada maneira.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

No caso dos epitáfios, ao locutor interessa caracterizar o referente destacando, principalmente, seus grandes feitos como em: [...]. *Antes de expirar declarou que fazia o sacrifício da sua vida [...]*

Os dêiticos espaciais

*Aqui jaz Dom Fr Joaquim de Nossa Senr^a de Nazareth Bispo de Coimbra Conde de Arcanil Senhor de Coja Alcaide Mor de Ávo. Foi prelado de Moçambique em 1811 Sagrado Bispo de Leontopolis em 1818 Transferido d **aquelle bispado** para o Maranhão em 1819 e **deste** para o de Coimbra em 1824 Foi Par^{co} do Reino das cortes portuguesas de 1826 a 1828 e **ai** mostrou como era distinto e consumado theologo. Emigrou para **esta província** em 1840, e **aqui** faleceu ao 1º de setembro de 1851 com 75 annos e três mezes de idade. [...]*

Em **Aqui jaz** e **aqui faleceu**, ambos se referem ao lugar onde está o enunciador. Entretanto, o primeiro só pode ser identificado pela situação de enunciação, enquanto que o segundo, por um elemento presente no co-texto

Outros dêiticos utilizados são:

*[...] e faleceu **nesta cidade de Alcântara** ao 16 de outubro de 1856.*

*[...] Seu esposo, e pai Domingos José da Silva J.^{or} lhes mandou erigir **esta lapida** em testem.^o de sua pungente dor e saudosa memória. [...]*

A referenciação temporal ocorre, na maior parte dos epitáfios, a referência fora de contexto.

*Texto 01 – Aqui Jaz D. Marcos Antonio de Souza XIII Bispo do Maranhão Commendador da ordem de Christo e dignatário da Rosa. Nasceo em S. Salvador da Bahia **aos 10 de fevereiro de 1771**. Foi vigário da Victoria na sua pátria Deputado às cortes de Lisboa **em 1820** e as do Rio de Janeiro **em 1828**. Sagrado Bispo **em 28 de outubro de 1827**. FALLECEO **em 29 de novembro de 1842**.*

CONCLUSÃO

Com as transformações socioeconômicas ocorridas a partir do século XIX, verifica-se que esse tipo de prática social ligada a uma representação póstuma, expande-se para outros seguimentos da sociedade. Por outro lado, constata-se que o uso desse gênero continua restrito às classes com certa ascendência e prestígio social.

No campo da construção e progressão referenciais, os epitáfios apresentam como estratégias mais adotadas as ativações por nominalizações (expressões nominais definidas ou não) e pronominalizações anafóricas. No caso das nominalizações, servem aos propósitos do enunciador do discurso que pretende destacá-las como características que enaltecem o objeto do discurso (o morto), enfatizando sempre suas realizações e seus adjetivos. Desse modo, tais estratégias aliam-se as características formais do gênero epitáfio, algumas mantidas em tradição universal discursiva, para criar ou manter uma representação simbólica de um ator social pertencente a uma dada época a partir do discurso sobre a morte e os mortos, ratificando-se também a noção de gênero como atividade discursiva que típica uma situação social.

BIBLIOGRAFIA

ARIÉS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FERREIRA, Ana Paula Ramos (2004). Catálogo epigráfico. In: *Epigafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade*, disponível em www.ipa.min.cultura.pt/pubs/TA/folder/34

KABATEK, Johannes. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico, In: Ciapuscio/Jungbluth/Kaiser/Lopes (eds.), *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*, Frankfurt a.M. (Vervuert), 2006, p. 151-172.

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Maria Cristina (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. 3ª ed. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEIRELES, Mário Martins. *História do Maranhão*. 2ª ed. São Luís: FUNC, 1980.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

MILLER, Carolyn R. *Genre as social action*. *Quartely Journal of Speech*, 70, 1984, p. 151-167.

REIS, João José. O cotidiano da morte oitocentista. **In:** NOVAIS, Fernando A. & Alencastro, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil*, 1997, v. 2.

———. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.